

“A REGRA É HOMEM E MULHER”: NOTAS SOBRE A
CONSTRUÇÃO DO CASAL HÉTERO EM REVISTAS PARA MENINAS

Patrícia Conceição da Silva¹

Resumo: Ao analisar edições do ano de 2008 das revistas *Atrevida* e *Capricho*, tendo como referencial a Teoria Queer, o artigo discute de que forma as publicações voltadas para adolescentes constroem e legitimam o casal heterossexual como o único modelo possível de relacionamento. Problematiza ainda como as vivências e relacionamentos não heterossexuais são retratados nas publicações. Os resultados indicam como as revistas disseminam papéis e comportamentos de gênero rigidamente demarcados para meninas e meninos, o que abarca a delimitação de normas sobre, por exemplo, como as leitoras devem comportar-se diante dos garotos. O artigo reúne algumas discussões presentes na dissertação de mestrado “A heteronormatividade ensinada tintim por tintim: uma análise das revistas *Atrevida* e *Capricho*”, orientada pelo Prof. Dr. Leandro Colling (UFBA/CUS/CULT).

Palavras-chave: adolescência; heteronormatividade; gênero; revista.

Introdução: sobre revistas para meninas e outras coisas mais

Segundo pesquisa da Andi - Agência de Notícias dos Direitos da Infância (2007), revistas e suplementos dirigidos aos adolescentes têm contribuído para o processo de formação cidadã de seu público e, ainda que não sejam responsáveis por definir os papéis de gênero entre eles, podem contribuir para reforçá-los ou desmistificá-los.

As revistas adolescentes, entretanto, são muitas vezes acusadas de tratar os leitores somente na perspectiva de consumidores e produzir textos inconsistentes sob o ponto de vista do conteúdo. Esse paradoxo pode ser explicado pela visão estereotipada que a própria sociedade tem dos adolescentes, já que, se eles são irresponsáveis e

¹ Mestre no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela mesma instituição. Integra o grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS/CULT/UFBA). E-mail: patriciaconceicao@gmail.com.



alienados, os produtos dirigidos a eles também apresentariam conteúdos superficiais e inconsistentes.

Acreditar nisso, entretanto, significa ignorar o fato de que as publicações adolescentes exercem um papel importante na construção e propagação de conceitos, comportamentos e valores, podendo estimular (ou não) uma visão crítica e uma postura participativa em seu público. Para Figueira (2003), ainda que os leitores não se limitem simplesmente a copiar suas opiniões de páginas das revistas, no caso dos adolescentes a influência é mais acentuada, pois a mídia não apenas cria e lhes confere diferentes denominações, como *“cria também um público consumidor para o qual são direcionados diferentes produtos, serviços, atitudes, ensinado certos saberes e sensações”* (FIGUEIRA, 2003, p. 129).

De acordo com Scalzo (2004), as revistas cumprem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias, pois entretêm, trazem análises, reflexão, concentração e experiência de leitura. Para a autora, é esta relação afetiva entre público e revista a característica marcante do produto.

Revista é também um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo. [...] Não é à toa que leitores gostam de andar abraçados às suas revistas – ou de andar com elas à mostra – para que todos vejam que eles pertencem a este ou àquele grupo. Por isso, não se pode nunca esquecer: quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor (SCALZO, 2004, p. 12).

Buitoni (1990) defende que a própria definição de uma revista enquanto feminina ou adolescente repousa sobre suas leitoras, já que para a autora seria o sexo biológico do público o responsável por caracterizar uma publicação enquanto tal: *“o grande elemento definidor ainda é o sexo de suas consumidoras”* (BUITONI, 1990, p. 18).

O website da revista *Atrevida* (www.atrevida.com.br) - publicação mensal da Editora Escala, lançada no mercado editorial brasileiro em setembro de 1994 - define o público alvo da revista como mulheres, das classes ABC, com idade entre 15 e 19 anos. No site, a *Atrevida* é definida como a revista que fala a linguagem da adolescente, trazendo assuntos como amor, relacionamento, sexualidade, beleza, moda, música e

ídolos. De acordo com levantamento do Instituto Ipsos Marplan², a *Atrevida* apresenta tiragem mensal de 163 mil exemplares, sendo 39 mil em formato de bolso, e um total de 1.400.000 leitores em território brasileiro.

A *Capricho*, criada em junho de 1952 como uma revista de fotonovelas e histórias de amor em quadrinhos, tem periodicidade quinzenal e média de 105 páginas. Segundo pesquisa realizada no ano de 2007 pelo Instituto Ipsos Marplan, 88% dos leitores de *Capricho* são mulheres, sendo que 57% do total têm entre 10 e 19 anos, e 75% pertencem às classes B e C. Dados do mesmo instituto, do ano de 2008, apontam um total de 1.588.000 leitores e tiragem de 182.470 exemplares.

Atrevida e *Capricho* - publicações com tradição, participação no mercado e conteúdo abundante sobre gênero e sexualidade - foram analisadas pelo período de 1 ano (2008), tendo como referencial a Teoria Queer. Entre os pontos discutidos no trabalho, que resultou na dissertação de mestrado “*A heteronormatividade ensinada tintim por tintim: uma análise das revistas Atrevida e Capricho*”, está a construção e legitimação do casal heterossexual como o único modelo possível de relacionamento, questão a ser discutida nesse artigo, que problematiza ainda a disseminação de papéis e comportamentos de gênero rigidamente demarcados para meninas e meninos por essas publicações.

Meninas e meninos: o casal heterossexual em ação

A primeira afirmação possível sobre *Atrevida* e *Capricho* é que elas encontram-se inscritas numa perspectiva heteronormativa, ou seja, colaboram e reiteram a construção do modelo heterossexual como norma regulatória das relações sexuais e de gênero na sociedade ocidental contemporânea. A base para sua legitimação está na idéia de que a sexualidade é orientada por aspectos biológicos e, como consequência disso, a associação entre heterossexualidade e reprodução é concebida como natural e irremediável. Segundo Miskolci (2009), a heteronormatividade expressa expectativas, obrigações e demandas sociais resultantes do pressuposto de uma heterossexualidade natural e compulsória.

² O Instituto Ipsos Marplan é uma empresa privada que desenvolve pesquisas de opinião entre os leitores de publicações impressas com circulação em território brasileiro.

Como um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, a heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do “sexo” oposto. As formas de definir a si mesmo de várias culturas sexuais não-hegemônicas seguem a heteronormatividade, o que é patente na díade ativo/passivo dos gays, a qual toma como referência a visão hegemônica sobre uma relação sexual reprodutiva para definir papéis/posições sexuais (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

Em confronto com a imposição social da heterossexualidade enquanto norma universal compulsória, a Teoria Queer critica a heteronormatividade, buscando desconstruir o modelo e seu principal argumento - o de que a sexualidade seguiria um curso natural, no qual sexo, gênero, desejo e práticas sexuais formam uma linha contínua e supostamente coerente (BUTLER: 2003).

A Teoria *Queer* começou a ser desenvolvida no final dos anos 80 por uma série de pesquisadores e ativistas, principalmente norte-americanos, que não compartilham um alinhamento teórico ou unidade de pensamento, mas sim uma espécie de coalizão em diálogo constante, marcada por diversidade de posições e debates internos significativos. A idéia dos teóricos foi positivar a expressão “*queer*”, conhecida forma pejorativa para designar e insultar os homossexuais. A proposta é resignificar o termo, que pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico ou extraordinário, passando a entendê-lo enquanto prática de vida que se estabelece em conflito com as normas socialmente aceitas.

Teóricos queers provaram o caráter compulsório da heterossexualidade e a forma como ela embasa saberes e práticas sociais. O objetivo não é a defesa da homossexualidade, antes a crítica do sistema único formado pelo par heterossexualidade-homossexualidade, o qual esconde e refuta a diversidade por meio de apenas duas categorias naturalizadas (MISKOLCI, 2005, p.33).

Ao examinar as páginas das revistas com o objetivo de compreender como o casal heterossexual é constituído e legitimado, encontramos a construção de papéis de gêneros rigidamente demarcados para meninos e meninas, quase sempre submetidos a esquemas binários de sexo e gênero. De acordo com Butler, a “*heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e ‘fêmea’*” (BUTLER, 2003, p. 38-39). Assim, a afirmação do casal heterossexual está diretamente ligada a esquemas binários que estabelecem dois pólos opostos: homem/mulher, masculino/ feminino, masculinidade/ feminilidade.

A noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2003, p.21).

Em primeiro lugar, notamos que a constituição da identidade feminina passa invariavelmente pelos garotos. Ter um namorado parece ser uma espécie de sonho de consumo entre as leitoras; as revistas, por sua vez, fornecem muitas orientações para a menina que busca encontrar um amor e ter um relacionamento estável com ele. São diversas reportagens que ensinam como agir para que a “ficada” vire namoro, explicam o que os garotos esperam de uma namorada e listam as vantagens de namorar:

Pense como é bom ter alguém [...] que entenda você só de olhar, sem que sejam necessárias muitas explicações. De sua parte, é bom saber que o garoto se sente à vontade e seguro para dividir sonhos, incertezas e inseguranças. Só por isso já vale a pena namorar (Atrevida, nº 166, 2008, p. 48).

Ao incitar a leitora a pensar em “como é bom ter alguém”, a revista não se refere a uma pessoa indeterminada e, sim, a um garoto que se revela logo nas linhas seguintes. É esse garoto que faz o namoro valer a pena, como dito ao final do trecho. Os benefícios citados pelas revistas em reportagens como essa parecem referir-se mais à presença “masculina” na vida da menina do que propriamente ao relacionamento. Até mesmo as vantagens de ser solteira estão ligadas aos garotos: “*Você está livre para conhecer e se divertir com todos os meninos interessantes que pintarem*” (Atrevida, nº 166, 2008, p. 48).

Concebida como desejável e mesmo necessária, a relação entre meninas e meninos é construída nas revistas por meio de comportamentos de gênero bem demarcados. No trecho abaixo, por exemplo, notamos no depoimento da garota entrevistada indícios da presença de somente dois gêneros nas revistas – o masculino e o feminino – concebidos de forma relacional a partir de uma noção singular de identidade.

A mulher não é melhor do que o homem. E o homem não é melhor do que a mulher. Os dois não são iguais. E nenhum domina o outro. Pode parecer confuso ou muito radical, mas é realidade. [...] Claro que o homem sempre teve destaque e oportunidade na história e na política. Porém isso não significa que o homem tenha dominado tudo ou que a mulher tenha sido menos importante. A verdade é que um sempre dependeu do outro. Para uma sociedade acontecer, é preciso que homens e mulheres atuem juntos. As pessoas deviam ser valorizadas por sua

essência, não pelo cargo que ocupam ou pelo sexo que têm. O mundo não é para o domínio de alguns, mas de todos (Capricho, 11. mai. 2008, p. 22).

O trecho acima afirma a existência de dois sexos/gêneros diferentes e mutuamente dependentes. Para a garota, ainda que homens e mulheres não sejam iguais, eles estariam em um mesmo patamar, onde não há dominantes absolutos e nem dominados. Em sua argumentação, ela toca em pontos interessantes como o apelo à noção de uma essência definidora do indivíduo (“as pessoas deveriam ser valorizadas por sua essência”) e a idéia, contestada por Butler (2003), de sexo enquanto um atributo do qual os indivíduos seriam portadores (“pelo sexo que têm”). Percebemos que todo o texto é guiado por uma concepção binária de gênero, na qual homens e mulheres ora se opõem, ora se equiparam.

Essa estabilidade do sexo binário, entretanto, é problematizada por autores como Guacira Louro (2001), para quem é preciso desconstruir os binarismos e pensar a questão em termos de uma multiplicidade de gêneros e de sexos: “*para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos*” (LOURO, 1997, p.21). Ou seja, são os modos pelos quais as construções sociais em torno das características sexuais são pensadas, representadas, colocadas em discursos, valorizadas ou não que irão constituir o que significa ser menina/mulher ou menino/homem em uma sociedade. Por conta disso, as causas para as desigualdades precisariam ser entendidas, segundo a autora, não em termos de diferenças biológicas, mas nos arranjos sociais, na história e nas formas de representação (LOURO, 1997).

Essa concepção binária, marcada por dois gêneros opacionais, está presente em outros trechos das revistas. Quando questionado por uma repórter de *Capricho* sobre o que gosta em uma garota, o menino responde: “*Feminilidade, meiguice. Menina com jeito de menina*” (Capricho, 27. abr. 2008, p.75). Nos dois casos, os garotos remetem a características e interesses que seriam próprios ao universo feminino e ajudariam a defini-lo. No primeiro exemplo, no qual há uma feminilidade desejável - menina tem que ter jeito de menina, ser meiga e feminina – há a referência a atributos universais que caracterizariam as garotas. Daí decorre a existência de uma série de coisas aceitáveis e desejáveis no comportamento delas, que se encontram, em grande parte das vezes, ligadas a um rígido ideal de feminilidade.

Essa noção de feminilidade, que abarca uma série de normas e formas previstas de ser “verdadeiramente mulher”, é posta em discurso em muitos momentos nas revistas, seja por intermédio dos repórteres ou das falas dos adolescentes. De acordo com Butler, entretanto, o “*recurso a uma feminilidade original ou genuína é um ideal nostálgico e provinciano que rejeita a demanda contemporânea de formular uma abordagem do gênero como uma construção cultural complexa*” (BUTLER, 2003, p. 65). Os modos de vestir-se, maquiarse e comportar-se de uma adolescente podem aproximá-la ou não do ideal de feminilidade que agrada aos garotos. Na reportagem *Dicas para atrair sem ser vulgar*, os entrevistados ensinam:

Converse sem dizer muita gíria, sem elevar demais a voz. E procure falar sobre assuntos interessantes, claro. Fuja de temas sexuais com quem nem conhece direito. Queima o filme de uma menina quando ela chega fazendo piadinhas sobre sexo numa balada [...] Não seja atirada, mas não vale ser muito tímida e recatada, senão você fica apagada. O meio-termo é a chave. Entregue o que quer com um olhar, seja segura ao falar, ande de um jeito gracioso (sem rebolar muito!). Em suma, tenha auto-estima e não faça de tudo para chamar a atenção (Capricho, 11. mai. 2008, p. 88).

O formato utilizado na reportagem é comum nas duas revistas: meninos são entrevistados para dar dicas de comportamento para as leitoras e as falas publicadas sempre trazem um tom de crítica, controle e delimitação do que é certo ou errado para uma menina. Falar alto, rebolar e conversar sobre sexo parecem estar fora do domínio feminino por não constituírem comportamentos compatíveis com aqueles que se espera de uma garota. A feminilidade, por outro lado, exige graciosidade, discrição e certa timidez.

É interessante notar que, além de criar oportunidade para que as garotas tenham seu comportamento vigiado e criticado, a publicação não usa os depoimentos dos garotos para serem questionados ou contestados, mas para que as meninas aprendam a adaptar-se aos desejos deles. Em nenhum momento a revista problematiza os valores e ideais misóginos que vêm à tona nas falas dos entrevistados: por que não contestar a premissa de que meninas não devem dizer gírias ou fazer piadas sobre sexo? Na reportagem, entretanto, não há indícios de que esses valores são passíveis de críticas ou que podem (e mesmo deveriam) ser subvertidos.

Em outro texto, a *Capricho* adverte as leitoras sobre comportamentos que não combinam com uma garota: “*Usar roupas curtas, beber muito e fazer piadinhas sexuais é o melhor jeito para chamar a atenção, certo? Errado. Eles costumam interpretar*

tanta alegria como vulgaridade” (Capricho, 11. mai. 2008, p.94). Aqui, é a própria repórter quem dita os comportamentos a serem evitados pelas leitoras, com base no que agrada ou não os meninos. Beber muito e fazer piadas sobre sexo são citadas como atitudes inadequadas para as garotas, mas em contrapartida, são aceitáveis e mesmo estimuladas entre os meninos. Enquanto os depoimentos e atitudes deles não costumam ser passíveis de críticas, elas contam com uma cartilha rigorosa e conservadora a ser seguida.

A mesma reportagem alerta que a “galinhagem” não é um bom comportamento para as meninas que querem arranjar namorado: *“Pode chiar, acusar a gente de machista, mas não adianta: de maneira geral, meninos até ficam, mas têm pânico de engatar uma relação com uma menina que consideram, digamos, extrovertida demais”* (Capricho, 11. mai. 2008, p.94). E para comprovar a tese há a fala de um garoto explicando que *“a fama da garota atrapalha. Preferimos quem é mais seletiva”* (Capricho, 11. mai. 2008, p.94). Aqui o recado é bem direto: para arranjar um namorado, é bom se comportar como uma boa moça. A recomendação - que segundo a repórter não tem nada de machista - preza pela boa fama das leitoras, já que a “galinhagem” pode até ser aceita no caso dos meninos, mas é condenada para as garotas.

O ato da conquista, tradicionalmente um papel atribuído aos homens, aos poucos começa a ser permitido para as meninas. Enquanto alguns garotos mostram-se aliviados em compartilhar a tarefa com elas, outros reivindicam o papel de conquistador e parecem assustados com o fato de as garotas estarem assumindo essa função. Em todo o caso, o conselho das revistas é que as leitoras tenham cautela para não assustar os meninos com muita ousadia. O tema é discutido na seção *Entre eles* por três garotos, com idades entre 17 e 19 anos, identificados por nome e foto:

Rafael: acho que é uma obrigação do cara ter atitude e chegar junto. Danilo: concordo. Sem dúvida, prefiro xavecar a menina. É bem melhor saber que você conseguiu conquistar alguém do que ser conquistado. Renato: que papo de velho é esse? Eu gosto muito mais de ser xavecado! A menina tem que ter atitude e escolher em vez de ser escolhida. Danilo: mas isso ela pode fazer só com gestos e olhares, mostrando que está a fim do cara. Rafael: também acho, mesmo porque, se ela chegar no menino, não vai ser ousada, vai ser oferecida mesmo (Capricho, 16. mar. 2008, p. 81).

Na conversa, Renato é minoria ao defender que as meninas não precisam limitar-se a distribuir olhares e sorrisos enquanto esperam a iniciativa deles. Os outros

entrevistados concordam que a conquista é uma obrigação masculina e o papel das garotas é tentar atraí-los com gestos e olhares insinuantes, porém discretos, para não parecerem oferecidas. Aparentemente, ousadia e atitude não combinam com o comportamento que se espera das garotas. A fala de Renato ao final do texto, contudo, traz alento para quem não acha nada emocionante esperar impassível os galanteios masculinos: “*É puro machismo julgar a garota! Se nós podemos, elas também têm todo o direito de ir atrás do que querem*” (Capricho, 16. mar. 2008, p. 81).

Se tomar a iniciativa é temerário, paquerar vários garotos é aceitável desde que a garota não seja comprometida. Beijar ou “ficar” com mais de um numa mesma noite, contudo, deve ser evitado. Para elas, preza-se o envolvimento afetivo com um garoto de cada vez. Beijos, “ficadas” e namoros devem vir, preferencialmente, acompanhados por algum tipo de sentimento pelo menino. Quando o assunto é sexo, a exigência de um envolvimento amoroso com o parceiro é maior ainda. No universo feminino, amor e sexo surgem sempre associados de forma direta. Isso pode ser percebido na seção *Sexo*, de *Capricho*, onde adolescentes, identificadas por apelidos, discutem se transar é uma prova de amor:

Gambita diz: o meu namorado sempre quis transar e nunca falou nada disso. No dia em que me senti pronta e vi q ele não me queria só pra transar, eu fui. Por isso, eu acho que é prova de amor sim. Gabie diz: vc acha?? Gambita diz: quando vc se sente preparada para transar com o cara, é pq ama ele (Capricho, 16 mar. 2008, p. 78).

Aqui verificamos uma ligação direta entre amor e sexo no pensamento das adolescentes. A garota acredita que sentir-se preparada para o ato sexual é sinal de que há amor na relação, como se para transar com o garoto fosse preciso, necessariamente, amá-lo. As publicações contribuem para reiterar essa associação na medida em que estimulam as garotas a só transarem se estiverem afetivamente envolvidas com o parceiro, o que não inclui interesse, desejo ou paixão, mas sim o amor. O amor romântico, descrito como “aquele que torna a vida mais colorida” ou “deixa a cabeça no mundo da lua”, está presente no universo feminino construído pelas revistas como uma vivência desejável e um sentimento típico das mulheres.

Se no caso das meninas o amor romântico é considerado um sentimento “natural”, entre os garotos é motivo de dúvidas e desconfianças: será que eles também amam? Na seção *Ficadas e rolos* a repórter escreve: “*Meninas reclamam que os garotos não são capazes de falar: Eu te amo. Mas eles falam. Não com as palavras,*

com ações. E isso acontece não só com o seu namorado, pode acreditar. O motivo é simples: homens acham que ações valem mais que palavras” (Atrevida, nº 167, 2008, p.19). De acordo com a revista, homens não costumam falar sobre seus sentimentos - este seria um hábito das mulheres – mas demonstram seu amor de outras formas. Ou seja, às mulheres caberiam as palavras e aos homens a ação. A explicação para tal diferença comportamental é dada logo em seguida:

Desde os tempos das cavernas, os homens aprenderam a calar sobre suas dores físicas e sentimentos porque, se abrissem o bico, a caça fugia ou avançava. Por isso, descobriram que, em vez de ficar falando, era melhor levar um mamute pra casa. Então, para os homens a melhor maneira de demonstrar amor é cuidando de quem gosta. Hoje, os mais românticos dão flores, fazem declarações. Mas a maioria ainda prefere passar frio e emprestar sua blusa à namorada. Não há nada de errado com uma ou outra maneira de ser. Elas são apenas diferentes (Atrevida, nº 167, 2008, p.19).

A revista faz uma referência, no mínimo, curiosa aos “tempos das cavernas” para tentar esclarecer às leitoras o porquê da dificuldade masculina em falar sobre seus sentimentos. Os homens, machos, não teriam habilidade com as palavras desde a época em que saíam para caçar, já que seu papel era o de garantir o alimento, enquanto a preocupação com sentimentalismos ficava a cargo das mulheres. Por isso, atualmente, os homens preferem demonstrar seu amor com atos muito “másculos”, como passar frio para emprestar a camisa à amada.

A diferenciação entre símbolos de masculinidade e feminilidade é evidente nas duas revistas. Na seção *V.i.p Colírio*, em que a cada edição um modelo, ator ou cantor admirado por sua beleza responde uma ficha com o próprio punho, há duas perguntas que merecem destaque: O que não pode faltar em uma mulher e o que ele faria ou seria se fosse mulher. As respostas revelam alguns símbolos e idéias comumente relacionados ao feminino e à feminilidade: o ator Guilherme Gorsky responde que se fosse mulher “*gostaria de ser mãe*” (Capricho, 16 mar. 2008, p. 15) e André Rebutini, também ator, diz que “*daria à luz*” (Capricho, 20. jul. 2008, p.16). Enquanto os dois atores fazem referência à maternidade enquanto símbolo feminino, o vocalista da banda Catch Side, Kaká, parece querer reafirmar a sua heterossexualidade ao responder que “*se fosse mulher seria lésbica*” (Capricho, 31. ago. 2008, p.11).

Se por um lado as garotas são associadas ao amor romântico, meiguice, feminilidade e maternidade, por outro lado os garotos também contam com uma série de atributos e valores que pertenceriam, originalmente, ao domínio masculino. As

publicações, por sua vez, não parecem preocupadas em promover a reapropriação ou o deslocamento subversivo destes. Nas páginas das revistas, notamos um padrão de comportamento claramente identificável a ser seguido pelos garotos. Em *As nossas maiores dúvidas sobre os meninos*, a revista questiona o porquê de uma série de atitudes consideradas estritamente masculinas. A lista inclui dúvidas sobre:

Por que...eles não ligam quando prometem? Nunca dizem que nos amam? Têm medo de pensar em compromisso sério? Detestam falar sobre o que sentem? Nos adoram, mas não deixam de olhar uma menina bonita? Curtem ficar com várias meninas ao mesmo tempo? Deliram com futebol? (Atrevida, nº 166, 2008, p. 17).

Com construções como essa, as revistas fixam dois universos – o feminino e o masculino – enquanto pólos diferentes, porém dependentes. O grande desafio, assim, seria tentar entender como funciona o universo do outro. A reportagem *Preciso falar!* ensina como escolher o ombro certo para desabafar e, entre as vantagens de escolher o namorado para conversar, estaria o jeito diferente que os meninos têm de olhar o mundo: “*Aproveite a intimidade que vocês têm e abuse do olhar masculino dele. Vale falar de problemas com amigas, de auto-estima e até de família. Tenha certeza de que receberá uma resposta sob um ponto de vista totalmente inusitado*” (Capricho, 8. jun. 2008, p.100).

O “olhar masculino diferenciado” se manifesta na maneira de lidar com a questão da traição. Na introdução da reportagem *Por que eles traem?*, a repórter diz: “*Que os homens são mais infiéis do que as mulheres, todo mundo sabe! Há até quem acredite que não existe um fiel sequer. Os meninos explicam porque esse lance de infidelidade rola tanto com eles*” (Atrevida, nº 170, 2008, p.60). Ao longo da reportagem, quatro garotos identificados pelo primeiro nome e foto discutem a questão. Um deles explica: “*homem trai por instinto. Mesmo que ele goste da namorada, se já está com ela há um bom tempo, acaba sentindo vontade de mudar um pouco para conhecer coisas diferentes. Mas essa outra pessoa pode não significar nada para ele*” (Atrevida, nº 170, 2008, p.60).

Vista com naturalidade, a traição masculina é atribuída a um instinto incontrolável que, arriscaríamos dizer, faz da poligamia o destino inevitável dos homens. Condescendente com a traição masculina, a reportagem não apenas reitera acriticamente a idéia de que os homens traem mais do que as mulheres, como também busca justificativas para explicar o fato. Além disso, nenhuma passagem do texto

contesta a naturalidade com que o tema é tratado e nem problematiza os argumentos que explicam a traição.

Enquanto em diversos momentos as meninas têm seu comportamento balizado e julgado pelos garotos entrevistados, estes saem “ilesos” da reportagem: as garotas não têm a oportunidade de comentar o assunto, expor seus pontos de vistas ou criticar o posicionamento deles. Nesse sentido, a forma como a revista publica os depoimentos dos garotos sugere que somente a opinião deles é relevante, restando à leitora adequar-se ao pensamento dos meninos sobre o que caberia ao universo feminino ou não. Se, por um lado, a traição é certamente aceitável entre os garotos, o mesmo não se pode afirmar do choro. O assunto vem à tona na seção *Entre eles*, na qual três garotos contam como lidam com o fim de um namoro:

Rodrigo: Quando terminei meu namoro de 3 meses, nem sofri nada. No dia seguinte, já estava na balada procurando outras meninas. Mas, se eu terminar meu atual namoro, que tem 3 anos, vou sofrer demais. Já cheguei a chorar de saudade dela. Julio: acho inadmissível chorar por mulher. É uma coisa que eu não faria jamais. Eu sou do tipo que sofre quando termina, mas sem chorar (Capricho, 27. abr. 2008, p.72).

Rodrigo, que namora há três anos, afirma já ter chorado pela namorada, confissão que parece deixar Julio inconformado. Para ele, é inaceitável um homem chorar, principalmente por uma mulher. Sofrimento e angústia são até tolerados, mas chorar jamais. O ato de chorar é visto entre os homens como sinal de fraqueza ou ainda um risco à sua masculinidade. Na continuação do bate-papo vemos que chorar, fazer drama e lamentar são consideradas atitudes tipicamente femininas. As mulheres sim, essas choram, se descabelam e se enchem de chocolate quando o relacionamento chega ao fim:

Rodrigo: geralmente, as meninas são mais dramáticas, ligam para as amigas e passam horas se lamentando. Bruno: isso não rola com a gente. Até podemos pedir a opinião de algum amigo mais próximo, mas nada mais do que isso. Julio: meninos também sofrem, mas sem tanto drama ou comilança de chocolate (Capricho, 27. abr. 2008, p.72).

As generalizações na demarcação do comportamento masculino também estão presentes na reportagem *Ele é de lua*, que reúne quatro situações relatadas por leitoras sobre as mudanças de comportamento dos garotos e dá dicas de como lidar com elas:

Garotos, dos 8 aos 80, costumam agir exatamente assim [...] se for só pra ficar e dar uns amassos numa menina na frente da turma, eles não pensam duas vezes. Porém, se o rolo estiver caminhando para um namoro, digamos assim, daí

complica. Isso porque os meninos, em geral, são criados para acreditar que demonstrações de interesse sexual (como bancar o mão-boba) são coisas de macho. Já colocar pra fora os sentimentos (leia-se amor) é coisa de mulher. Agora que você já sabe dessas diferenças entre os sexos, será que vale a pena continuar sofrendo por essas pequenas indelicadezas? (Atrevida, nº 164, 2008, p. 57).

Ao referir-se ao fato do menino tornar-se frio e distante quando está na frente dos amigos, mesmo quando é carinhoso a sós, a repórter pergunta às leitoras se vale a pena sofrer por esse tipo de comportamento, considerando que os homens, independente da idade, agem da mesma forma diante das garotas. A dica, portanto, é relevar a atitude dele porque esse é um comportamento “normal” entre os meninos. Mais uma vez a revista orienta a leitora a adaptar-se ao comportamento e atitudes misóginos dos garotos, sem enfrentá-los ou contestá-los. Ao recomendar a passividade diante dessas situações, a revista compactua com a misoginia e oferece ferramentas para as meninas se adequarem a ela. Outro trecho da mesma reportagem reitera a distinção de comportamentos por sexo:

Parece óbvio dizer que homens e mulheres pensam e agem diferentes na maioria das situações, mas nem sempre nos lembramos disso. [...] Na frente da turma, o cara precisa mostrar que quem canta de galo é ele. No departamento masculino, é comum confundir afirmação de masculinidade com grosseria (Atrevida, nº 164, 2008, p. 58).

O trecho não apenas reitera a demarcação de comportamentos por sexo/gênero, como justifica atitudes potencialmente misóginas dos garotos por meio da diferenciação entre os papéis de gênero feminino e masculino determinados socialmente. Se no âmbito masculino a afirmação da identidade se confunde com a falta de bons modos, qual seria então o conselho para as leitoras nas situações em que o menino age com grosseria na frente da galera? Nada de discussões ou cobranças. A receita é diálogo e paciência, que podem ser traduzidos por passividade. Muita passividade:

Converse com ele a respeito do assunto, mas sem fazer cobranças ou ameaças. Conte apenas como se sente e escute com atenção o que ele tem a dizer. O mais importante é deixar bem claro que não está mais a fim de ser humilhada, por maior que seja seu amor por ele (Atrevida, nº 164, 2008, p. 58).

O conselho - que parece ter sido retirado de um exemplar de alguma revista voltada para o público feminino do século passado - diz às leitoras para não contestarem ou reagirem com firmeza contra a misoginia de seus parceiros. Ao recomendar às meninas a passividade diante da grosseria e do desrespeito, a reportagem naturaliza esse tipo de comportamento como algo tipicamente masculino, compactuando com as

normas que reiteram a submissão feminina em nossa sociedade. E mais: a revista perde a oportunidade de questionar e contrapor esse tipo de atitude, bem como de encorajar suas leitoras a subverterem as normas que sobre elas incidem.

A diferenciação de comportamentos por sexo aparece novamente na seção *Qual é a dele*, que pergunta “Por que eles vão ao banheiro sozinhos”? (ANEXO H). Segundo a opinião dos entrevistados, o banheiro é, para as meninas, uma oportunidade para fofocar; como elas adoram um mexerico vão em grupo para não perderem a oportunidade de falar da vida alheia. Já para os garotos, que prezariam pela praticidade e não curtiriam bisbilhotices, o banheiro seria apenas um lugar para “tirar água do joelho” (expressão utilizada pelos próprios entrevistados):

Vamos fazer somente as necessidades e, pra isso, não precisamos que ninguém nos acompanhe. Diferente das meninas, que usam o banheiro como desculpa pra ir fofocar [...] Percebo que há um clima bem sério, tipicamente machista, nos banheiros masculinos. Chega a ser engraçado, pois é exatamente o contrário do que imagino nos femininos. Acho que elas ficam um bom tempo conferindo o cabelo, a maquiagem, a roupa e fofocando, é lógico (Atrevida, nº 171, 2008, p. 62).

Aqui fica claro mais uma vez que os comportamentos de meninas e meninos são marcadamente diferentes e essa diferença é evidenciada constantemente pela revista. Para Butler, é a prática repetida de nomear a diferença sexual a responsável por criar essa aparência de divisão natural: A “*nomeação do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual*” (BUTLER, 2003, p. 168).

Nessa perspectiva, a diferenciação de comportamentos por sexo/gênero que aparece nas revistas como algo “natural” e inevitável é, na verdade, fruto da reiteração de práticas de nomeação e coerção. Essa divisão não surge nas publicações como algo a ser contestado ou combatido, mas como um fato irremediável com o qual as leitoras precisam aprender a lidar. Contrariando a perspectiva de identidades “*cada vez mais fragmentadas e fraturadas [...] multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos*” (HALL, 2007, p.108), as revistas constroem meninas e meninos por meio de posições rigidamente demarcadas e opostas, das quais decorrem a constituição do casal heterossexual e a manutenção da misoginia nas páginas de *Atrevida* e *Capricho*.

Reportagens, fotos, ilustrações e depoimentos presentes nas revistas remetem explícita ou implicitamente a casais heterossexuais. A própria definição do termo “casal” nas publicações implica a união entre um garoto e uma garota. Seja nos conselhos para paquerar - “*Dez meninos dão todas as dicas para você acelerar a paquera nas férias e descolar aquele gato*” (Atrevida, nº 161, 2008, p.34) – ou nas dicas de conquista - “*Você já teve vontade de conversar com aquele gatinho que joga no time de basquete da escola, mas achou que na hora H não teria assunto? Com alguns truques simples é possível partir para a conquista mesmo sem ser da turma do garoto*” (Atrevida, nº 171, 2008, p. 122) – a dobradinha menina/menino reina absoluta nas páginas das revistas.

Na reportagem intitulada *Minha segunda vez*, por exemplo, todos os depoimentos são de casais heterossexuais e a virgindade feminina aparece estritamente ligada ao ato sexual envolvendo o garoto e seu pênis: “*Minha primeira vez rolou e foi horrível! Eu sofri muito com a dor e ainda sangrou um pouco. Fui embora me sentindo muito estranha. Não sabia o que fazer já que o cara não era meu namorado*” (Capricho, 27 abr. 2008, p.81).

Na edição especial de Dia dos Namorados, a *Capricho* traz uma reportagem intitulada *Amores possíveis* sobre histórias que provam que “*mesmo quando o mundo parece torcer contra, o amor, quando existe, dá um jeito de acontecer*” (Capricho, 8. jun. 2008, p. 94). Essa seria uma boa oportunidade para retratar o relacionamento entre meninas, mas as histórias giram em torno de namoros à distância, de pessoas com idades bem diferentes e de religiões distintas. Em todos os casos, somente casais heterossexuais. A pergunta que fica no ar é se o amor entre duas meninas não estaria entre os amores considerados possíveis pela revista *Capricho*.

Com o ideal de relação heterossexual devidamente estabelecido e reiterado pelas publicações, sobram poucos espaços para abordar os relacionamentos que acusam desvios do padrão heteronormativo. Em um deles a regulamentação do casamento civil entre pessoas do mesmo “sexo biológico” é discutido na seção *Tribunal Atrevida*, na qual duas garotas defendem opiniões divergentes:

Contra: Não tenho preconceito nem nada do tipo, só acho que Deus criou o homem e a mulher para viverem juntos. Amo os homossexuais, mas condeno. É uma atitude contrária à natureza e à vontade de Deus. O homem tem seu papel e a mulher, o dela. A regra é homem e mulher, tudo o que for dito e feito ao contrário não está de acordo com a natureza. União até pode ser, mas casamento,

com papel passado e tudo, não. Acho que as pessoas ainda não estão preparadas (Atrevida, nº 164, 2008, p.72).

A favor: É um direito dos gays serem felizes como qualquer outro par. Preconceitos sempre vão existir. Mas não estamos mais na Idade Média, quando isso era um crime. Estamos no século XXI e devemos perceber que homossexuais são pessoas normais, que têm amor, amizade e carinho pelo parceiro ou parceira e não prejudicam ninguém. As pessoas deveriam se colocar nessa situação. Tenho muita admiração por pessoas que assumem o que são (Atrevida, nº 164, 2008, p.72).

Entre os principais pontos levantados por quem se declara contra o casamento entre homossexuais está a legitimação do modelo heterossexual com base na natureza e nos aspectos biológicos (“é uma atitude contrária à natureza”) e, ainda, o apelo ao discurso religioso (“e à vontade de Deus) para justificar o casal heterossexual como o único correto. Há também traços marcantes das inúmeras normas regulatórias sociais as quais estamos submetidos (“a regra é homem e mulher”) e da demarcação de papéis de gênero bem definidos (“o homem tem seu papel e a mulher o dela”).

Na argumentação da garota que fala a favor do casamento homossexual, notamos uma tentativa de normalização ou enquadramento dos homossexuais às normas (“homossexuais são pessoas normais”), um certo conformismo com a situação de discriminação e homofobia vivida por eles (“preconceitos sempre vão existir”) e ainda um apelo à noção de identidade enquanto essência (“pessoas que assumem o que são”). Os dois depoimentos fazem referência, ainda que de formas distintas, aos direitos e deveres, sanções e privilégios acarretados pela normatização (aos homossexuais seria permitido a união, mas não o casamento ou, por outro lado, este seria “um direito dos gays”). Por fim, notamos algumas das conseqüências sofridas por aqueles que transgridem a norma, comportando-se fora dos padrões estritos de masculinidade e feminilidade ligados à união heterossexual (o preconceito e a necessidade de lutar para ter seus direitos reconhecidos).

Sobre as possibilidades de resistência a essa normatização que marca a construção das identidades sexuais e de gênero, Preciado (2008) propõe uma alternativa às tradicionais formas de fazer política baseadas em binarismos e identidades cristalizadas: “*transformar esse saber minoritário em experimentação coletiva, prática corporal, em modo de vida, em forma de co-habitação*” (PRECIADO, 2008, p. 243). Segundo a autora, para enfrentar as questões apresentadas no exemplo acima – homofobia e luta pelo reconhecimento de direitos, por exemplo – é preciso colocar em

prática uma série de experiências, saberes e atos performativos que possam promover a re-significação das normas e a produção de novas subjetividades. Essa seria uma alternativa para contestar e subverter a naturalização da heterossexualidade como norma e da homossexualidade como desvio desta.

Com o casal heterossexual consolidado como modelo aceitável e desejável de relacionamento, os mecanismos de produção da heterossexualidade enquanto norma permanecem ocultos, vindo à tona somente nos espaços em que a sexualidade considerada desviante ganha visibilidade. Aí sim, em momentos como esse, os argumentos que sustentam e legitimam as normas podem ser notados e a leitora adolescente pode até mesmo questionar porque os garotos parecem fazer parte, necessariamente, de sua existência.

Norma, desvio e risco de tornar-se desviante – noções correntes quando se trata de discutir sexualidade e gênero – são fortemente marcadas por relações de poder que envolvem, basicamente, sistemas de classificação e formas de inserção social, envolvem processos discursivos, simbólicos e sociais, os quais nomeiam, descrevem, classificam e/ou hierarquizam práticas e sujeitos. Envolvem, portanto, os meios pelos quais damos sentidos a tais práticas e sujeitos sociais, definindo, por exemplo, quem é normal e quem é desviante (SOARES; MEYER, 2003, p. 138).

Dessa forma, ainda que a heterossexualidade, bem como a demarcação de comportamentos a partir da diferença sexual, sejam construídos como fatos imutáveis e inevitáveis em grande parte das edições analisadas, não podemos perder de vista que a aparente naturalidade dessas construções oculta e dissimula um processo incessante de reiteração de normas regulatórias sexuais por meio das quais as meninas se constituem e são constituídas.

Considerações finais

Em *Atrevida* e *Capricho*, meninos e meninas são construídos dentro de um esquema binário, no qual os papéis e comportamentos de gênero são constantemente demarcados de forma oposicional: enquanto meninos podem beber muito, fazer piadas sobre sexo, ficar com várias meninas em uma mesma noite e até trair, as meninas não podem fazer sexo sem amor, falar alto e nem usar roupas curtas.

A constituição da identidade das meninas, nas duas publicações, passa invariavelmente por eles. Os garotos têm espaço nas revistas para ditar regras de

conquista e opinar sobre o que acham aceitável ou não nelas. Seus pontos de vista nunca são criticados: devem ser usados pelas leitoras para adaptar-se às expectativas e desejos masculinos e, ainda, são levados em conta para compor as normas e formas previstas de “ser menina” ensinadas pelas revistas. Estas compactuam com a misoginia ao desconsiderar as experiências e preferências das meninas diante dos garotos, incentivando-as muitas vezes a aceitar passivamente os comportamentos misóginos deles, sem críticas ou contestações.

Em um pólo, as publicações associam a identidade feminina ao amor romântico, meiguice, feminilidade, romantismo e maternidade; já em outro, reiteram uma série de atributos e valores que pertenceriam, originalmente, ao domínio masculino, sem preocupações em promover a reapropriação ou o deslocamento subversivo destes. Nas páginas das revistas, notamos um padrão de comportamento claramente identificável a ser seguido pelos garotos, que inclui a reafirmação de antigos estereótipos de que homens não sabem expressar seus sentimentos e não devem chorar.

Essa diferenciação de comportamentos por gênero é construída nas revistas como “natural” e irremediável, e não como fruto da reiteração de práticas de nomeação e coerção que precisam ser questionadas. Assim, com garotos e garotas ocupando posições demarcadas e opostas, a revista constrói o casal heterossexual - aquele que ocupa quase todas as reportagens, fotos, ilustrações e depoimentos publicados em suas páginas. Legitimado por aspectos biológicos, por esquemas binários ou pela naturalização da heterossexualidade como norma, o casal heterossexual consolida-se como modelo aceitável e desejável de relacionamento, ocultando assim os mecanismos de produção da heterossexualidade compulsória.

Questionamentos acerca do modelo heterossexual e das práticas reguladoras dos gêneros e identidades não fazem parte do repertório das revistas. A introdução desses temas, bem como de identidades e comportamentos que escapam às normas vigentes, nas páginas das publicações poderia abrir brechas para deslocamentos ou subversão das normas. Na prática, isso significaria romper as dicotomias de sexo e gênero, abrir espaço para discutir relações e práticas sexuais além das heterossexuais, desconstruir a heterossexualidade e o casal heterossexual como o único possível a partir da inserção de outros arranjos de relacionamentos, e criticar os rígidos padrões de feminino e feminilidade que aprisionam as meninas.

Ainda que a desconstrução das normas regulatórias não esteja entre as preocupações das revistas, notamos a existência de reportagens que estimulam o combate à discriminação e o respeito à diversidade. Iniciativas como essas suscitam a discussão sobre o papel das revistas voltadas para adolescentes na busca pela quebra de preconceitos, podendo contribuir para transformar atitudes e pensamentos das leitoras, mesmo compactuando com as normas regulatórias que materializam as diferenças sexuais e reiteram a heteronormatividade.

Referências

- ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância. *Relatório A Mídia dos Jovens*. Ano 9, n. 12, novembro de 2007. Disponível em: http://www.andi.org.br/_pdfs/midia_jovens_10anos.pdf. Acesso em 27 de junho de 2009.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira L. et al. *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003, p. 124-135.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: TADEU DA SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 7ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, 2/2001, p. 541-553.
- MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. *Teoria & pesquisa*. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Departamento de Ciências Sociais, n. 47, julho/dezembro de 2005, p.9-41.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias*, n. 21, Porto Alegre: PPGS-UFRGS, 2009, p.150-182.
- PRECIADO, Beatriz. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa Calpe, 2008.
- SOARES, Rosângela de F. R.; MEYER, Dagmar E. Estermann. O que se pode aprender com a "MTV de papel"? Sobre juventude e sexualidade contemporâneas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, Ago. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 de abril de 2009.